

## José Cardoso Pires

Lisboa, Livro de Bordo : vozes, olhares, memorações  
Publicações Dom Quixote

“Olha Daisy, quando o Álvaro de Campos te mandou aquele Soneto Já Antigo quase ninguém sabia por cá o teu nome. Hoje, vê tu, até o tens escrito num passeio da Avenida de Roma, frente a uma boutique de enxovais de noiva. Enxovais de noiva, repara: uma referência mesmo a condizer com o soneto que te tornou eterna. Um lugar onde o teu nome pode ser lido a qualquer hora e por qualquer um como um mistério deposto no seu caminho.  
“(…)”

“Se tu, Daisy, em vez da lorque para onde te mandou o Álvaro de Campos, resolvesse aparecer por cá, verias os empedrados artísticos que estão espalhados aqui à volta pelos pátios, avenidas, pelos corredores de certos centros comerciais e até nos cemitérios. Nos cemitérios, não estou a exagerar: pelo menos no do Alto de São João, um coração tantas vezes trespassado pela seta dos namorados repousa agora, entre campas e ciprestes, traçado a pedra de luto e envolto em espinhos de Deus. Deixo-o como uma figura de aviso ao caminhante e não longe dali, na Penha de França, nasce-me diante dos passos uma letra preciosa, uma inicial bordada a pedra miúda como se fosse um monograma de enxoval: amores, já se vê. Noutra direcção, Praça José Fontana, há liras à volta do coreto do jardim (conheço-as desde a infância, têm uma melancolia bucólica, fora do tempo) e lá para a Ajuda, um nome de mulher: “Leontina”, leio eu. E detenho-me: porquê essa confiança do coração tornada pública e por extenso, num lugar pisado por toda a gente?”



## Bibliografia do Autor

### Ficção

OS CAMINHEIROS E OUTROS CONTOS  
1ª edição: Centro Bibliográfico, 1949

HISTÓRIAS DE AMOR (contos)  
1ª edição: Editorial Gleba, 1952

O ANJO ANCORADO (novela)  
1ª edição: Ulisseia, 1958

JOGOS DE AZAR (contos)  
1ª edição: Arcádia, 1963

O HÓSPEDE DE JOB (romance)  
1ª edição: Arcádia, 1963

O DELFIM (romance)  
1ª edição: Moraes, 1968

### Teatro

O RENDER DOS HERÓIS  
1ª edição: Editorial Gleba, 1960

O CORPO-DELITO NA SALA DE  
ESPELHOS  
1ª edição: Moraes, 1980

### Ensaio

CARTILHA DO MARIALVA  
1ª edição: Ulisseia, 1960

E AGORA JOSE?  
1ª edição: Moraes, 1977



DINOSSAURO EXCELENTÍSSIMO (fábula)  
1ª edição: Arcádia, 1972

O BURRO EM PÉ (contos)  
1ª edição: Moraes, 1979

BALADA DA PRAIA DOS CÃES (romance)  
1ª edição: O Jornal, 1982

ALEXANDRA ALPHA (romance)  
1ª edição: Dom Quixote, 1988

A REPÚBLICA DOS CORVOS (contos)  
1ª edição: Dom Quixote, 1988

### Crónicas/Memórias

CARDOSO PIRES POR CARDOSO PIRES  
1ª edição: Dom Quixote, 1991

A CAVALO NO DIABO  
1ª edição: Dom Quixote, 1994

DE PROFUNDIS, VALSA LENTA  
1ª edição: Dom Quixote, 1997

LISBOA, LIVRO DE BORDO  
1ª edição: Dom Quixote, 1997

Biblioteca Municipal - Fórum Cultural do Seixal  
Câmara Municipal do Seixal - Publicações Dom Quixote

Dom Quixote  
COM A

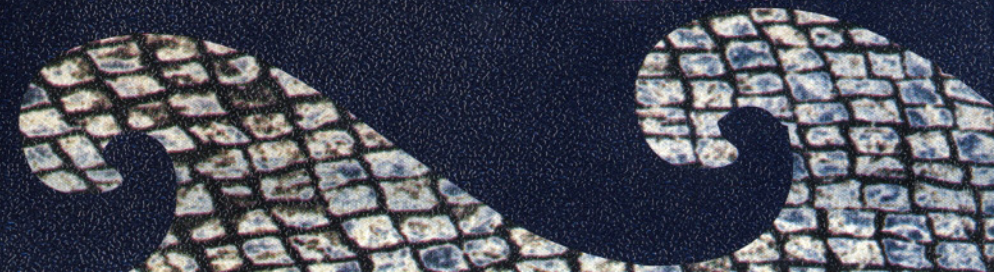
Escrita

6 de Dezembro de 1997  
16.00 h

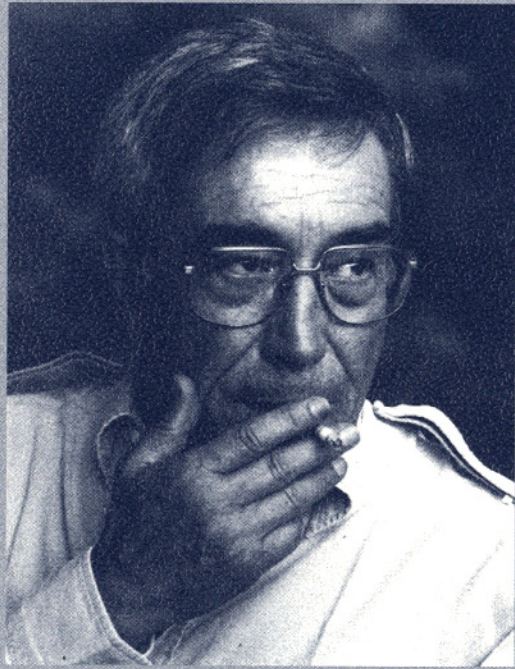
José Cardoso Pires



Lisboa  
Livro de Bordo







## Nota Biográfica

José Augusto Nunes Cardoso Pires nasceu a 2 de Outubro de 1925 em Peso, na Beira Baixa. Ainda na infância vem para Lisboa fazendo o ensino secundário no Liceu Camões. Em 1943 ingressa em Matemáticas Superiores na Faculdade de Ciências, curso que abandona em 1945 para se alistar na Marinha Mercante, tendo percorrido as rotas da Costa Ocidental e Oriental de África e, mais longe ainda, até Timor. Trabalhou depois como correspondente de inglês, agente de vendas e intérprete até que em 1949, através do jornalismo cultural e da crítica, enceta a sua relação com a escrita, tendo colaborado, entre outras, nas pu-

blicações *Almanaque*, de que foi director, *Diário de Lisboa*, sendo de 1974 a 1975 Director-Adjunto e, mais recentemente, é colunista regular no jornal *O Público*. José Cardoso Pires foi também tradutor e director literário de várias editoras e leitor de português do Departamento de Literatura Luso-Brasileira no King's College (1969/1971). Entre 1979 e 1980, a convite da Universidade de Londres, foi escritor residente daquela instituição superior de ensino.

O livro *Os Caminheiros e Outros Contos* marca o início da sua vasta obra literária, que se estende pelo romance, novela, conto, crónicas e memórias, teatro e ensaio, tornando-se José Cardoso Pires um dos mais destacados autores portugueses contemporâneos, sendo mesmo dos poucos que desde 1974 se dedica exclusivamente à escrita, e também um dos mais internacionalmente reconhecidos. A sua obra está traduzida em alemão, búlgaro, castelhano, catalão, chinês, francês, finlandês, grego, holandês, húngaro, inglês, italiano, polaco, romeno e russo. Os seus trabalhos têm sido objecto de várias teses de universitários portugueses e estrangeiros. A notoriedade da sua obra fê-lo recolher, ao longo do tempo, prestigiados galardões, sendo José Cardoso Pires detentor dos Prémio Camilo Castelo Branco de 1963 (*O Hóspede de Job*), Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores de 1982 (*Balada da Praia dos Cães*), Prémio Especial da Associação de Críticos do Brasil de 1988 (*Alexandra Alpha*), Prémio Internacional União Latina, Roma, 1991 e *Astrolábio de Ouro* do

Prémio Internacional Último Novecento, Pisa, 1992.

A obra de José Cardoso Pires é avessa a um enquadramento linear numa qualquer escola literária. Sendo contemporâneo do neo-realismo distancia-o deste movimento, como ele próprio afirma, o que considera ser o lado populista, demagógico e romântico; tão-pouco se reclama do surrealismo. Porém, com membros destes movimentos, e outros elementos de oposição ao regime fascista, convergiu na frente comum de resistência à ditadura, tendo os seus dois primeiros livros (*Os Caminheiros* e *Histórias de Amor*) sido retirados do mercado pela censura e causado polémica, na então Assembleia Nacional, o seu conhecido conto *Dinossauro Excelentíssimo*, uma sátira mordaz a Salazar.

É no Portugal contemporâneo, do século XIX, de antes e depois do 25 de Abril, que Cardoso Pires procurou e encontrou inspiração e matéria para a sua obra. O depuramento e ironia são uma constante na sua escrita que reclama de urbana ao trazer para a literatura uma estrutura e linguagens citadinas. O rigor e a precisão são também distintivos dos seus livros: O meu sentido de escrita será uma coisa mais ou menos como aqueles malabaristas que andam descalços em cima de uma lâmina: o mais pequeno desvio para a esquerda ou para a direita é o corte - escrevo no gume da lâmina, já o disse muitas vezes. O visualismo é um elemento igualmente presente na sua obra, facto que a aproxima da linguagem cinematográfica, o que terá influído na adaptação de vários contos e do conhecido romance *Balada da Praia dos Cães* ao cinema. O seu mais recente livro *Lisboa, Livro de Bordo* conserva esta característica sendo seguramente um marco na descrição de Lisboa, feito por alguém que conhece, ama e aborda a cidade de uma forma fascinante e inesquecível.



interrogar Lisboa (ninguém poderá conhecer uma cidade se não a souber interrogar). Munido desse princípio de conhecimento propõe-nos embarcar numa travessia pela urbe que tão bem conhece. Cardoso Pires, qual capitão de terra, de mão segura, olhar perscrutante e memória do passado e do presente é alguém que mantém e alimenta uma profunda relação com a cidade. A produção deste seu verdadeiro portulano de marinhar por Lisboa, ainda que só agora edi-

*Lisboa, livro de bordo:* vozes, olhares, memórias é um pessoalíssimo itinerário histórico, cultural e afectivo de Cardoso Pires, lisbio por escolha e adopção, sobre Lisboa. Este livro, sobre a cidade de navegar, é uma obra iluminada de alguém que sabe observar e

tado, antecede no tempo o aclamado *De profundis*, valsa lenta, uma narrativa sobre a memória, genial de contenção e despojamento. Mas em Lisboa, Livro de Bordo a memória está igualmente presente nos sinais que desvenda da cidade e que dela guarda, particularmente os da sua cultura, dos seus espaços ou, tão-só, da sua experiência e olhar de verdadeiro amador. Ao jeito medieval este livro de bordo poderia ter como insígnia por amor, pois com a sua visão, de amante e conhecedor, transforma e valoriza os recantos, os pormenores visíveis ou recônditos da cidade.

Como Cardoso Pires bem diz, é evidente não serem tanto as vias-sacras dos monumentos aquilo que na cidade mais o seduz. As suas geografias de afecto e estimação estão fundeadas em corografias, ou em azimutes mais intangíveis como os climas e ambientes dos sítios. E nestes afecta-o o impressionismo sensualista da luz e das cores (o azul de azuis, o branco pérola, os ocre, os vermelhos, do vivo ao rosa cor de polpa de pêssego, como alguém já designou), os cheiros (maresias, salmoiras, grelhados, os aromas contrastantes dos jardins), os conteúdos precisos da filologia libatória (tabernas, tascas, leitarias, cafés, bares). E também a figuração na paisagem e os sons dos bairros típicos e populares, as vilas operárias carcomidas, os recortes e apontamentos românticos sobreviventes e propensos a divagações. E Cardoso Pires capta-lhes um sentido e discorre, no limiar entre o fantástico e a realidade, sobre delírios, expostos ou enroscados, como os dos jardins do Palácio Fronteira, cicatrizes difusas ou evidentes da cidade, pormenores anónimos, quase impresentidos. E conduz-nos, num tempo enovelado em que o passado e o presente coexistem, por labirintos e acasos de um itinerário habitado por perduráveis presenças reais ou de ficção: Pessoa e Álvaro de Campos, a crédula Luízinha de Eça, aquela Daisy que nunca existiu ou aquela outra, mulher seguramente, discretamente anunciada apenas por uma inicial na calçada, ou Leontina, para sempre afirmada enquanto as pedras do seu nome se não gastem. E todos eles são invocados ou descobertos e resgatados do esquecimento nesta original memória descritiva de Lisboa onde são também lembradas tertúlias e conspirações. E desce até às profundezas dos subterrâneos deslumbrantes do metro que, qual espelho mágico numa refração fantástica, reflectem o mundo da superfície ou os tempos passados.

Ao ler esta obra ocorre-nos pensar que Lisboa merecia um livro assim e interrogamo-nos se não estaria mesmo destinada a ser visitada e descrita por Cardoso Pires. Depois não podemos deixar de lamentar o tempo por que outras cidades e lugares terão de aguardar por alguém que tão intimamente os ame e interroge e, com o seu toque, os revele acentuando-lhes o sentido e a beleza. E enquanto esperamos por uma prometida nova travessia por outras Lisboas desconhecidas, que Cardoso Pires nos desvendará, um desejo nos assalta: o de, guiados por este seu portulano, desatarmos já a andar por aí, por conta própria, enquanto o próximo livro de bordo não chega.